

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, p. 1-14, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.39778</p>	

CIBERCULTURA

Gênero epistolar e redes sociais: cartas para presos políticos no Brasil e na Catalunha

Epistolary genre and social media: letters to political prisoners in Brasil and Catalonia

Género epistolar y redes sociales: cartas a presos políticos en Brasil y Cataluña

Isabel Siqueira

Travancas¹

orcid.org/0000-0002-4467-0626

isabeltravancas@gmail.com

Elisenda Ardèvol Piera²

orcid.org/0000-0002-5536-9134

eardevol@gmail.com

Recebido em: 20 dez. 2020.

Aprovado em: 8 jan. 2021.

Publicado em: 21 jun 2021.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar um projeto de pesquisa sobre o gênero epistolar em tempos de *internet* cujo objeto são as campanhas para escrever cartas para presos políticos no Brasil – para o Lula – e na Catalunha, – para Jordi Cuixart e Jordi Sánchez, ativistas do movimento social pró-independência. Examinaremos a combinação entre a digitalidade e a materialidade da correspondência e os seus efeitos na esfera política. Partimos de um trabalho de campo baseado na reunião de mensagens nas redes sociais, na participação em oficinas para escritura de cartas para os presos e em uma visita ao Instituto Lula, além de entrevistas nos dois países. O acompanhamento on-line, a observação participante e as entrevistas possibilitaram, a partir da noção de correspondência e copresença, observar a imbricação do gênero epistolar com as novas formas comunicativas digitais e os modos de ação política.

Palavras-chave: Carta. Meios digitais. Ação política.

Abstract: The aim of this article is to present an ongoing research on the epistolary genre in Internet times, which focus on the campaigns to write letters for political prisoners in Brazil – for Lula – and in Catalonia – for Jordi Cuixart and Jordi Sánchez – social activists in the pro-independence movement. We will examine the combination between the digitality and the materiality of the correspondence and its effects in the political sphere. The fieldwork is based on the follow-up of these campaigns on social networks, participation in workshops for writing letters for prisoners and a visit to the Lula Institute, as well as interviews in both countries. Online monitoring, participant observation and interviews make it possible, based on the notion of correspondence and co-presence, to unfold the entanglement of the epistolary genre with the new digital forms of communication and the modes of political action.

Keywords: Letters. Digital medium. Political action.

Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar un proyecto de investigación sobre el género epistolar en tiempos de Internet cuyo objeto son las campañas para escribir cartas a los presos políticos en Brasil – para Lula – y Cataluña – Jordi Cuixart y Jordi Sánchez, activistas del movimiento pro independencia. Examinaremos la combinación entre digitalidad y materialidad de la correspondencia y sus efectos en la esfera política a partir de un trabajo de campo basado en la recopilación de mensajes en las redes sociales, participación en talleres colectivos para escribir cartas, así como una visita al Instituto Lula y entrevistas en los dos países. El monitoreo en línea, la observación participante y las entrevistas hicieron posible, desde la noción de correspondencia y co-presencia, observar la imbricación del género epistolar con las nuevas formas comunicativas digitales y modos de acción política.

Palabras clave: Cartas. Medios digitales. Acción política.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universitat Oberta de Catalunya (UOC), Barcelona (BCN), Espanha.

Introdução

Neste artigo apresentamos uma pesquisa sobre o gênero epistolar em tempos de *internet* em relação com as campanhas para escrever cartas para políticos presos no Brasil – cartas para o Lula, ex-presidente do país – e na Catalunha, Espanha – cartas para os ativistas Jordi Cuixart e Jordi Sánchez, líderes sociais do movimento pela independência da Catalunha. Concordamos com a ideia de que os três são presos políticos na medida em que entendemos que suas prisões são políticas e o objetivo do encarceramento é impedir a participação de cada um deles na vida política de seus respectivos países. Apesar das diferenças entre a Catalunha e o Brasil e os motivos pelos quais estão presos, os dois movimentos, que acompanhamos pelas redes sociais e presencialmente, são consequência de um momento político que afeta muitos países: a judicialização da política. Trata-se de um fenômeno jurídico mundial que aumenta o impacto de decisões judiciais em causas políticas e sociais. Nesse cenário há um protagonismo dos tribunais e dos juizes que participam ativamente do jogo político e social como agentes, como é o caso, no Brasil, da equipe da Lava Jato e do juiz Sérgio Moro. Nos dois casos analisados há uma imbricação deles na criação de campanhas estimulando a escritura de cartas para a prisão como uma ação política. Essas cartas – milhares, nos dois lugares – são escritas por cidadãos que querem expressar sua solidariedade aos presos. Mas também tem circulado cartas públicas escritas por celebridades, políticos e intelectuais que são divulgadas pelos meios de comunicação e reproduzidas e *retweetadas* milhares de vezes nas redes.

Por um lado, observamos que a materialidade e a singularidade da carta ganham um valor excepcional e sua força política é amplificada através dos meios digitais onde se compartilham as cartas enviadas, recebidas ou recusadas. Cartas íntimas e privadas circulam na *internet* assim como as cartas públicas e abertas são uma resposta popular e massiva à situação destes políticos na prisão, os dois catalães à espera de julgamento e Lula condenado em segunda

instância. Por outro lado, a privação da liberdade supõe também uma diminuição da liberdade de expressão desses indivíduos, uma vez que suas formas de comunicação com o mundo exterior estão submetidas a um controle restrito, incluídas as visitas e chamadas telefônicas, de modo que a única via de comunicação direta com o exterior é a correspondência já que eles – como os presos em geral – estão excluídos da comunicação digital. Essa exclusão pressupõe a persistência da importância das cartas e chama atenção para sua escritura, quando se imaginava que o gênero epistolar havia praticamente desaparecido, perdido sua força ou ficado obsoleto.

Correspondência pessoal

As cartas ao longo da história tiveram um papel importante como meio de comunicação nas relações amorosas, na vida política e nos estudos literários. Elas pressupõem um destinatário imediato e mantêm semelhança com o diálogo, uma vez que há um interlocutor presente em ausência e sua troca foi definida como uma "conversa escrita", como destaca o pesquisador Emerson Tin (2005, p. 9).

As cartas pessoais também podem ser pensadas na lógica de um adestramento de si, como destaca a historiadora Angela de Castro Gomes (2004). Quem escreve a "sua" verdade busca também um "efeito de verdade" em seu destinatário. As missivas podem revelar dimensões íntimas e profundas do indivíduo que assume a sua autoria. Portanto a correspondência pessoal é um elemento da intimização da sociedade e pode ter uma função terapêutica, catártica e exige de quem a utiliza tempo, disciplina, reflexão e confiança. Escrever é estar junto, próximo do outro, ainda que seja uma forma de copresença "virtual".

Para o historiador Roger Chartier (2003) a materialidade do texto é investida de uma função expressiva que produz múltiplas formas de recepção. Em seus estudos como historiador do livro e da leitura Chartier (2003, p. 193) tem como referência o livro. Entretanto, sua perspectiva não se restringe a ele quando afirma que "cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do

escrito afeta-lhe profundamente os possíveis usos, as possíveis interpretações” (CHARTIER, 2003, p. 193). Poderíamos entender que cada suporte criado para receber um texto influencia também a maneira como esse é recebido e interpretado, especialmente no que diz respeito à construção de sentido dele. Assim podemos pensar que o suporte – a carta – tem relevância na própria elaboração do texto a ser enviado. Ela também produz sentido através da sua própria materialidade.

Enviar uma carta no século XVIII ou XIX, até mesmo no XX, fosse ela de negócios, amizade ou amorosa, era algo trivial nas classes alfabetizadas e letradas. O objeto em si poderia causar expectativa em seu destinatário em virtude de seu conteúdo, mas não da sua forma. Era um suporte corriqueiro. Além disso, a correspondência pessoal é uma importante fonte documental para compreender as realidades sociais como, por exemplo, a experiência migratória europeia do início do século XX. O acesso a essa correspondência pessoal (GERBER, 2008; GARCIA-HERNANDORENA, 2017) nos mostra também as percepções, expectativas e projetos de vida das pessoas das classes populares e trabalhadoras, ao mesmo tempo em que revela sua função social: a necessidade de oferecer apoio, manter a afeição viva a distância e trocar informações sobre o cotidiano e as efemérides familiares. As cartas da prisão também são um testemunho da importância da correspondência na vida dos presos, e dos presos políticos em particular, como aparece no estudo de Amandine Marie Guillard (2017) sobre a última ditadura argentina. O trabalho destaca que esse testemunho ultrapassou as fronteiras espaço-temporais das prisões das ditaduras e da esfera íntima para fazer parte da esfera pública e coletiva constituindo-se como um testemunho importante para diversos setores da sociedade. O estudo de Julián López García e Alfonso M. Villalta Luna (2015) analisa as cartas que enviam e recebem os presos políticos durante a ditadura franquista. Para esses autores a escritura de fora e de dentro da prisão responde a um duplo objetivo; por um lado, é uma necessidade, já que é o único meio de manter os laços

familiares. Por outro lado, se converte em um pequeno, simples e cotidiano ato de valentia que demonstra que a luta continua. Além do “efeito de verdade”, que é importante na correspondência política, a carta pessoal estabelece um vínculo íntimo entre o remetente e o destinatário.

No caso do Brasil, podemos nos deter nas cartas de e para presos políticos na ditadura militar. Frei Betto, na apresentação do seu livro *Cartas da prisão* (2017), fala da resistência do movimento estudantil à ditadura militar brasileira que durou de 1964 a 1985. Suas cartas são o testemunho da sua vivência no cárcere e da forma que encontrou de se manter lúcido diante da violência sofrida. São muitos os relatos de presos políticos brasileiros e a publicação das cartas ajudam, não apenas a entender um período da história do país, mas também a particularidade da experiência da prisão e a necessidade vital de se comunicar com suas famílias, amores e amigos deixando registrada a experiência prisional. O exemplo de Ivan Seixas, preso com 16 anos junto com seus pais e irmãos é contundente. Escutou seu pai ser executado na prisão. E quem o “adotou” foi a Anistia Internacional que lhe possibilitou receber cartas do mundo todo. Ivan Seixas afirma: “A ditadura não foi derrubada por conta das cartas, mas as cartas ajudaram a derrotá-la politicamente com a mobilização da Anistia Internacional que enviava cartas de pessoas de outros países aos presos políticos” (SEIXAS apud COSTA, [2018]).

São inúmeros os exemplos de cartas para presos políticos ao longo da história. Aqui gostaríamos de lembrar das cartas de duas personalidades do século XX: o intelectual italiano Antonio Gramsci e o advogado, político e humanista sul-africano Nelson Mandela. Gramsci, um dos grandes teóricos italianos do marxismo, nascido em 1926, foi eleito deputado pelo Partido Comunista durante o Governo fascista de Mussolini e seu cargo não o protegeu da cadeia. Condenado a 20 anos de prisão, ele cumpriu dez, vindo a falecer no cárcere aos 46 anos. Durante esse período, escreveu o livro *Cartas do cárcere* (2000) que o colocaram na lista dos pensadores políticos do século XX. Nelson Mandela nasceu

na África do Sul em 1918. Ainda jovem advogado se tornou líder da resistência não violenta em seu país. Foi preso em 1964 sendo condenado à prisão perpétua. Foi libertado em 1990, tornou-se Presidente de seu país e recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Nos 27 anos em que esteve preso, escreveu uma quantidade imensa de cartas para sua mulher, seus filhos, familiares, políticos, amigos e personalidades que foram reunidas no livro *Cartas da prisão de Nelson Mandela* (2018).

No entanto, o fenômeno que nós analisamos se situa dentro do ativismo social, já que diversas organizações lançaram campanhas para estimular a escrita para os presos de forma maciça, como um ato de reivindicação dos presos e denúncia da sua situação. Neste sentido, em nosso estudo, não analisamos as cartas escritas pelos prisioneiros, mas nos concentramos nas cartas que os cidadãos lhes escrevem e em sua circulação na *internet*. Nos dois casos que pesquisamos, a carta enviada, respondida ou rejeitada assume um valor afetivo por si só, independentemente do conteúdo e, como tal, tem uma força de mobilização política a ser compartilhada nas redes sociais (ARDÉVOL; TRAVANCAS, 2019). As multidões conectadas desfazem a oposição entre espaço público e privado intrínseco à modernidade: "No *Twitter*, não importa tanto quem dá a notícia, mas a experiência do que é transmitido" (ROVIRA, 2017, p. 55-58).

Nesse contexto, as cartas para políticos presos sem acesso a outras formas de comunicação são registros subjetivos, fragmentados e ordinários de seus remetentes e nos fazem repensar a comunicação epistolar. Elas trazem a "autenticidade" da "escrita de si" com sua sinceridade e singularidade e, também, colocam em questão o tempo. As cartas podem ser pensadas como um "domínio" do tempo. E o próprio objeto carta em sua materialidade busca reter o tempo e pode ser transformado em um lugar de memória individual e coletiva. As campanhas para escritura de cartas constituem uma forma de manter uma relação com os presos e fazê-los presentes nos atos políticos e na vida pública.

Mas elas também têm um impacto na esfera familiar e pessoal de cada um. Amigos, conhecidos e pessoas que não conheciam estes políticos escrevem em um tom íntimo e pessoal, buscando animá-los, explicando a eles suas vivências e emoções, suas vidas cotidianas, e também compartilham nas redes sociais as cartas recebidas. Outros comentam ainda sobre as cartas que foram devolvidas ou simplesmente postam a carta em sua conta de Facebook ou Twitter. Assim, as cartas atuam como uma forma de manter a presença dos ausentes e produzem uma continuidade entre a esfera pessoal e a esfera pública, entre a forma tradicional de gênero epistolar e as novas formas de comunicação digital.

Metodologia

Em termos de metodologia realizamos um trabalho etnográfico que se desenvolveu no âmbito digital e também presencial, sem fazer distinção entre on-line e off-line (HINE, 2004; ARDÉVOL; GÓMEZ-CRUZ, 2013; PINK *et al.*, 2016). Procuramos não estabelecer dicotomias fixas entre os dois. Não há diferenças substantivas entre uma etnografia e outra. São apenas tipos distintos de ambientes e formas de copresença (ARDÉVOL; GÓMEZ-CRUZ, 2013). Para Anne Beaulieu (2010) "a presença descentraliza a noção de espaço sem excluí-la e possibilita se estabelecer através de uma variedade de formas onde a colocalização física e uma entre outras"³ (apud DI PRÓSPERO, 2017, tradução nossa).

Nossa etnografia on-line consistiu em seguir as histórias de envio e de recebimento de cartas desde o início das duas campanhas. No Facebook, no caso de Lula, criamos uma página na plataforma para seguir vários perfis ligados à mobilização política em torno do ex-presidente. No caso catalão, criamos uma conta de Twitter para seguir o caso de Barcelona, no qual esse meio era mais utilizado. Foi feito um monitoramento das contas de entidades catalãs em tempo real e pesquisas seletivas nas contas do Twitter que outros ativistas abriram para os prisioneiros. É importante levar em conta que, no caso da

³ Do original: La co-presencia descentraliza la noción de espacio sin excluirla y habilita la posibilidad de establecerse a través de una variedad de modos, donde la coubicación física es uno entre otros.

Catalunha, suas respectivas organizações criaram contas na *internet* e assumiram a gestão, publicando mensagens que fazem chegar aos presos, incluindo respostas de agradecimento às cartas recebidas. Em relação a Lula, não houve uma atuação do Instituto Lula nem do Partido dos Trabalhadores (PT) com o objetivo de gerir as campanhas, nem a comunicação via *internet*.

Como parte do trabalho de campo nós acompanhamos duas atividades presenciais de escritura de cartas: uma na *Libreria Ona*, em Barcelona, e outra, no Largo do Machado, no Rio de Janeiro. Realizamos, ainda, entrevistas em Barcelona com familiares dos presos catalães, fomos a várias manifestações, ao evento no Rio de Janeiro e, também, ao Instituto Lula, em São Paulo, quando tivemos acesso às cartas enviadas ao ex-presidente e endereçadas à organização.

Cartas para Lula

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-Presidente do Brasil, está preso desde o dia 7 de abril de 2018⁴ na sede da Superintendência da Polícia Federal do Paraná, em Curitiba. Ele nasceu em Garanhuns, Pernambuco, em 1945. Filho de lavradores, imigrou para São Paulo, foi metalúrgico, sindicalista, fundou o Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980 e foi eleito Presidente do Brasil nos anos de 2002 e 2006. Em 2018, o Tribunal Regional Federal da 4.^a Região condenou o ex-Presidente em segunda instância a 12 anos e um mês de prisão pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro no caso do apartamento triplex no Guarujá, São Paulo. Em agosto de 2018, o Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) decidiu que o Estado brasileiro deveria garantir ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva o exercício de todos os direitos políticos, mesmo que na prisão. Isso incluiria acesso a membros do seu partido e à imprensa, e que ele não fosse impedido de concorrer às eleições de 2018 até que todos os

recursos judiciais pendentes fossem analisados. O Governo brasileiro não acatou a orientação do Comitê. Desde abril de 2018, quando Lula foi preso, lideranças do Partido dos Trabalhadores começaram a divulgar o endereço da Polícia Federal para que os simpatizantes pudessem enviar cartas para o ex-presidente. O site de notícia da UOL informou o início da campanha: "PT faz campanha para que Lula receba cartas na PF, mas nem tudo pode ser entregue" (BEZERRA, [2018]).

Com a prisão de Lula as redes sociais se tornaram mais do que nunca um espaço privilegiado para a divulgação da campanha de estímulo à escritura e envio de cartas para o político. Nas páginas, *sites* e *posts* de milhares de brasileiros a campanha foi divulgada informando o endereço da Polícia Federal para envio da correspondência.⁵

Um dos principais canais foi o site Lula.com.br que publicou no dia 23 de abril a notícia:

Cartas do povo brasileiro ao presidente Lula – mensagens de solidariedade e resistência também chegam de diversas partes do globo; endereço para envio será centralizado no Instituto Lula.

Elas chegam de toda parte. Acumulam palavras de solidariedade, resistência e gratidão. Trazem orações, rezas, memórias e desejos para o futuro. Já são mais de dez mil cartas endereçadas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. São tantas as cartas que a Superintendência da Polícia Federal em Curitiba já não dá conta de receber. A partir de agora, o envio deve ser centralizado na sede do Instituto Lula, em São Paulo. Os remetentes variam da Bahia a Noruega. Da simplicidade de Aninha, de 8 anos, que escreve em letra de forma colorida a tristeza de ver Lula preso à mensagem do prêmio Nobel da Paz, Adolfo Perez Esquivel, impedido de visitar Lula no cárcere (CARTAS..., [2018]).

O senador Eduardo Suplicy foi um dos primeiros a divulgar em sua página no Facebook a campanha cujo título era "Mande um e-mail pro Lula" na qual ele também se prontificava a entregá-lo pessoalmente ao ex-presidente.

De acordo com o advogado de Lula, Cristiano Zanin Martins, através de troca de *e-mails* para

⁴ É importante destacar que quando este artigo foi escrito Lula estava preso há mais de um ano e meio. Em abril de 2021 o Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria e acatou a decisão do ministro Edson Fachin de anular as condenações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no âmbito da Operação Lava Jato.

⁵ O site de notícias em.com.br, em sua seção de notícias políticas, divulgou a campanha no dia 9 de abril de 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/09/interna_politica,950321/ja-mandou-sua-carta-pro-lula-hoje-pedem-aliados-nas-redes-sociais.shtml. Acesso em: 13 out. 2019.

este estudo, o ex-presidente tem acesso a poucos canais da TV aberta: *Globo*, *Bandeirantes e Record*, não tem direito à *internet* e nem a usar celular. Ele pode receber uma visita de assistência religiosa durante uma hora por semana e outra de dois amigos por uma hora na semana também. O ex-presidente tem acesso a papel e caneta e escreve cartas com frequência, que são entregues a familiares, amigos e aos advogados.

As cartas estavam começando a chegar na Polícia Federal no momento em que contatamos o advogado de Lula. Elas chegavam também no Instituto Lula, em São Paulo, através de movimentos sociais como o MST (Movimento dos Sem-Terra) e também de pessoas próximas a ele. Todo esse material fará parte do acervo presidencial que é constituído pelo que ele acumulou durante o cargo e, também, depois de deixá-lo.

Há uma sala grande no térreo onde está concentrada a maior parte das cartas. De acordo com Calinka Lacort, ainda não é possível precisar o número de missivas recebidas. Estavam, em outubro de 2018, em torno de 20 mil. Em relação aos remetentes, decidimos dividi-los em quatro grupos: homens, mulheres, coletivos e crianças. São muitas as cartas de crianças. São coloridas, com desenhos, com pouco texto ou escritas pelos pais e sempre muito afetuosas. As cartas de coletivos – associações, sindicatos, movimentos sociais – reúnem, em muitos casos, um conjunto de cartas enviadas juntas em um mesmo envelope e, em sua maioria, são textos de apoio ao ex-Presidente, de tristeza pela sua prisão e de agradecimento pelo seu Governo.

O objetivo do Instituto era responder a todas as cartas. Só um número ínfimo de cartas, mais agressivas ou que abordam política partidária não são respondidas, segundo Calinka, mas são guardadas. Não chegavam a 30. As cartas foram divididas pela equipe nos grupos em função dos remetentes e para respondê-las foram impressos quatro cartões-resposta. Um para cartas consideradas "sérias", que traz uma foto de Lula na multidão; outro com foto do ex-presidente ao lado de um formando negro, destinado aos remetentes que abordam a entrada na universidade; o terceiro com a imagem de Lula

com uma senhora idosa, para as cartas mais "afetivas" e de agradecimento pelos projetos sociais de seu Governo; e, o último, é um desenho colorido de Lula lendo uma carta, destinado ao público infantil.

Cartas para os Jordis

Jordi Cuixart e Jordi Sánchez (os Jordis) são presidentes de associações de cidadãos em favor da independência da Catalunha. Jordi Cuixart é presidente da associação *Òmnium Cultural*, uma associação cívica criada em 1961 – em plena ditadura franquista – para defender e promover a língua catalã e esteve algum tempo na clandestinidade. Desde 2006, a associação defende abertamente o direito de autodeterminação da Catalunha dentro do respeito à democracia e à mobilização pacífica dos cidadãos. Jordi Sánchez é presidente da *Assamblea Nacional per Catalunya* (ANC), uma associação cívica criada em 2012 para promover a independência da Catalunha. Ambas as associações têm uma forte raiz na Catalunha e se imbricaram nos movimentos sociais promovendo um ativismo político em direção à realização de uma república catalã independente.

No dia 1º outubro de 2017 foi realizado o Referendo de autodeterminação do povo catalão apesar deste ter sido suspenso pelo Tribunal Constitucional Espanhol no dia 7 de setembro do mesmo ano. Ficou registrada a relação dos Jordis com a organização do referendo e por essa razão o Ministério Fiscal pediu pena de até 17 anos de prisão e inabilitação aos acusados de rebelião por considerá-los "cabeças" de uma manifestação cidadã que aconteceu em 20 de setembro de 2017 diante de vários edifícios do governo catalão. Paralelamente, através de diversas ações judiciais, vários membros do governo catalão foram acusados de delito de rebelião e malversação por permitir e apoiar o *referendum*. Sete deles foram presos preventivamente sem fiança enquanto sete se exilaram do país, entre eles o que foi presidente do Governo autônomo da Catalunha, Carles Puigdemont.

No dia do referendo, os agentes da segurança do Estado espanhol atuaram em distintas localidades impedindo que as pessoas, aglomeradas

nos colégios eleitorais desde a madrugada, pudessem ter acesso aos recintos para votar. Os membros da segurança intervieram em muitos lugares de forma violenta, entrando nos colégios eleitorais usando a força, levando as urnas e batendo em milhares de cidadãos para conseguir seu objetivo. Não obstante, se votou em muitos outros lugares. No Referendo de primeiro de outubro finalmente puderam votar mais de dois milhões de pessoas, ou seja, 43% da população cadastrada com direito a voto.

No dia 16 de outubro de 2017 foi decretada a prisão sem fiança dos dois Jordis que foram para a prisão de Soto Real, em Madri a cerca de 600km de Barcelona. Em julho de 2018 saíram da prisão e foram transferidos para o Centro Penitenciário de Lledoners, na Catalunha. Eles votaram para Madri em fevereiro de 2019 para a realização do julgamento. O julgamento do processo independentista catalão começou no dia 12 de fevereiro de 2019, no Supremo Tribunal da Espanha, e terminou no dia 14 de outubro do mesmo ano, oito meses depois. A pena indicada pelo Promotor foi de 17 anos de prisão por rebelião, mas na sentença, os dois líderes das entidades cívicas (os Jordis) foram condenados a nove anos de prisão por sedição. Desde então são negadas reiteradamente as permissões de saída, ainda que eles tenham direito, pelo fato de não terem se arrependido. Portanto, eles estão há três anos e meio na prisão. Os outros acusados políticos foram condenados por unanimidade por sedição e mal versação.

Em novembro de 2018, a Organização Mundial contra a Tortura pediu que eles fossem libertados. O Pen Clube e a Associação Internacional de Juristas Democráticos também pediram a liberdade dos "prisoneiros políticos catalães". Dia 14 de novembro de 2019 a Anistia Internacional denunciou a sentença que criminaliza o direito de protesto e voltou a pedir a liberdade dos Jordis.

Os dois Jordis são pais de família. Cuixart tem três filhos, um deles tinha poucos meses quando foi preso. E Sánchez, tem dois filhos adolescentes que têm um papel ativo na leitura pública das cartas do pai.

A campanha "Escreva para os presos" foi pro-

movida pelas duas entidades – *Òmnium Cultural* (OC) e *Assamblea Nacional per Catalunya* (ANC) através das redes sociais pouco depois da entrada dos Jordis na prisão e informa o endereço dos presos. Ela se expandiu rapidamente junto com as recomendações de como agir para que as cartas não fossem devolvidas, como mostra o *tweet* do perfil Andaluz Indignado: "Pensou em escrever para os presos? Tem pensado em fazê-lo? Antes de enviá-las, leia estas instruções".

Durante o tempo em que estiveram em *Soto del Real* e atualmente, em *Lledoners*, os ativistas receberam muitas cartas de cidadãos e cidadãs simpatizantes da causa. Muitas dessas cartas são compartilhadas por seus autores nas redes sociais, assim como as respostas dos presos. Algumas pessoas também compartilham as cartas que foram devolvidas sem que chegassem aos presos. As entidades (Omniun e ANC) promovem essa atividade epistolar compartilhando nas redes os endereços dos presos e também organizando mobilizações e atividades de escritura coletiva.

E, além das cartas pessoais, também são escritas cartas abertas que são publicadas em diversos meios de comunicação catalães, como o periódico *VilaWeb* ou *Ara*, que divulga semanalmente uma carta de uma figura pública catalã dirigida a um dos presos. Esta publicação circula tanto em papel quanto no formato eletrônico.

Já os presos, respondem pessoalmente às cartas que recebem de forma privada, mas também escrevem cartas para serem lidas publicamente nas atividades que as entidades organizam em favor deles. Elas circulam nas redes sociais e são *retweeteadas* pelos cidadãos e cidadãs acrescentando comentários.

A mulher de Jordi Cuixart, Txell Bonet, disse aos meios de comunicação, em abril de 2018, que não pode ler todas as cartas que ele recebe. Ela explica que os funcionários da prisão de *Soto del Real* entregaram mais de 15 sacos de cartas com cerca de 20 quilos cada um e na entrevista ela conta que das 100 ou 200 cartas que recebia por dia somente lhe entregavam umas 60. No *Twitter*, Txell Bonet disse: "nunca um preso de Soto del Real recebeu tantas cartas".

Escrever cartas como forma de copresença

Escrever cartas parece um gesto antigo, de épocas passadas onde a relação com o tempo era outra. Depois de escrever, colocar no correio até chegar ao destinatário havia um intervalo que poderia ser de dias, semanas ou meses, dependendo da distância. Hoje não só o correio é mais veloz como as cartas ganharam, outros veículos e também outro significado. Mas não perderam a sua característica de ser uma conversa a distância, um diálogo com outra voz e um gesto íntimo do missivista. Nos dois casos que analisamos, escrever tanto para Lula como para os Jordis é um ato político e expressa o descontentamento com suas prisões. Como vimos em muitas cartas, seus remetentes não só procuram apoiar os políticos no cárcere, como mostrar solidariedade, ajudá-los a enfrentar a solidão e, de alguma forma, dizer que estão do seu lado. A própria carta se transforma em atuação política e de crítica à prisão de cada um deles.

Trazer o ausente, com o qual se relaciona na intimidade através da carta para a vida social e pública, é uma das consequências do processo de publicização das cartas políticas. O ator político preso ganha espaço na vida pública com sua voz disseminada pelas cartas e pelas redes sociais que as divulgam. Elas colocam em cena os presos, ausentes da vida pública, dando a eles um novo espaço e tirando-os do silêncio e da solidão da prisão. É uma maneira de dizer que não estão sozinhos, ainda que estejam no cárcere e que sua causa não é individual, mas coletiva. E mesmo que, do lado de fora da penitenciária espanhola ou da Polícia Federal no Brasil, há muitos cidadãos brasileiros e catalães que lutam por sua liberdade através das cartas.

Portanto, na nossa perspectiva, o significado da carta está presente no próprio do gesto da escrita mais do que em seu conteúdo. Aos lermos as cartas, por exemplo, do Instituto Lula, percebemos que elas não são muito diversas. Claro que há diferenças de estilo, de tom, de caligrafia e afetividade. Entretanto, em sua maioria são cartas que expressam afeto, admiração e respeito por seu

destinatário. E sua intenção não é só se comunicar com ele, mas valorizá-lo e respeitá-lo. Acreditamos que a carta política funciona como um "dom", em termos da dádiva analisada por Marcel Mauss (1985). Entretanto, diferente de outro tipo de correspondência – amorosa, fraterna ou de negócios – ela não exige de resposta. Quando pensamos na dádiva, entendemos que ela é um processo onde o início é dar, o passo seguinte receber e o último retribuir. Mas não é o que acontece nesse tipo de relação assimétrica. Não há uma expectativa de resposta, ainda que quando essa ocorre seja fonte de imensa alegria por parte de seu destinatário, que geralmente a expressa através das redes sociais, postando a missiva recebida.

As cartas para líderes políticos, assim como para personalidades do mundo artístico têm muito da relação entre fã e ídolo, analisada pela antropóloga Maria Claudia Pereira Coelho (1999) em *A experiência da fama*. Coelho estuda essa relação entre os dois sujeitos tendo as cartas como uma de suas expressões mais características. Partindo de dois pontos de vista distintos, a condição de fã e a vivência do ídolo, busca analisar a experiência da fama. Ao mergulhar no universo das cartas para seus ídolos, a antropóloga percebeu um desejo de singularização, de saída do anonimato. Entretanto, o que ficou evidente foi a impossibilidade de fugir de uma relação assimétrica.

O modelo da relação é basicamente centripeto: um indivíduo centraliza as atenções de muitos, sendo da natureza mesma dessa relação a impossibilidade de o indivíduo famoso corresponder às expectativas que tantos alimentam a seu respeito (COELHO, 1999, p. 135).

Podemos comparar o que Coelho descreve com a alegria dos missivistas que tiveram suas cartas respondidas e divulgadas nas redes sociais. No meio de inúmeras não respondidas, nos dois casos, a chegada da resposta provoca alegria, ainda que não venha com a letra de seu remetente. Essa desigualdade é mais evidente no caso do ex-presidente Lula, tanto pela dimensão do cargo que ocupou como pelo tamanho da população brasileira em relação a da Catalunha.

Salientamos também a importância de se investigar as estratégias discursivas utilizadas nas cartas

dirigidas aos três políticos. Quais as representações sociais que orientam a comunicação dirigida a cada um deles? Para a pesquisadora Luciana Heymann (1999) é fundamental analisar os recursos retóricos mais frequentemente acionados.

Ao lermos as cartas tanto para Lula como para os Jordis ficou evidente o sentimento de proximidade com o destinatário. Embora o primeiro tenha sido presidente, nenhuma das cartas que lemos utiliza uma linguagem formal. Ao contrário, há um desejo de demonstrar proximidade com seu principal leitor. O mesmo acontece nas cartas para os políticos catalães. As cartas são acima de tudo expressão de afeto e solidariedade com os presos.

Um dado interessante é a forma de endereçamento ao ex-presidente. Apesar da assimetria comentada, os missivistas se dirigem a ele usando, "querido Lula", "meu amigo", "meu caro presidente", entre outros. Expressões carinhosas demonstram a proximidade que sentem com ele. E o tom de intimidade é a marca das cartas para Lula. Seus remetentes – homens, mulheres, crianças e associações – escrevem como se o conhecessem pessoalmente e expressam carinho, como se fosse um amigo próximo ou um parente. Elogiam seu governo, criticam seu processo judicial, lhe estimulam a prosseguir e não desistir. Essa característica da maioria das cartas parece um reflexo do líder carismático e também popular, que estabeleceu uma comunicação direta e de intimidade com seus eleitores ou com o povo. Na Catalunha, as cartas para "os Jordis" também expressam proximidade e carinho. Susana Barreda, mulher de Jordi Sánchez, explica que a maioria das cartas que leu expressam indignação com a situação, contam pequenas coisas da vida cotidiana e trazem histórias ou reflexões sobre o que está acontecendo na Catalunha. E, em suas conversas com Jordi, ele comenta sobre acontecimentos que ocorreram em diferentes "pueblos" da Catalunha e ela lhe pergunta: "Como você sabe disso?" E ele responde: "através das cartas" (Susana Barreda, informação verbal).⁶

Além disso, muitas cartas chegam acompanhadas

de presentes. No caso de Lula, são inúmeras as cartas que vêm acompanhadas dos mais diversos presentes; de dinheiro dentro do envelope para pagar o correio da resposta a cachecol para aquecê-lo no frio, além de desenhos, gravuras, flores, perfumes, livros, quadros etc. Os presentes são expressão do afeto que prescindiu de uma relação presencial e direta com seu receptor. Ela se construiu a partir, na maioria dos casos, de uma escolha eleitoral e política, fruto de admiração. Os Jordis também recebem presentes, na sua maioria livros, mas muitos deles são devolvidos aos remetentes, por não terem passado no controle carcerário, como um presépio de Natal. Neste caso, o remetente compartilhou na *internet* sua indignação junto com a fotografia com as figuras do presépio quebradas.

Como vimos nas cartas para notáveis, políticos ou celebridades, a relação entre remetente e destinatário é assimétrica. A própria ideia de resposta não está muito em questão. No caso dos remetentes das cartas para o ex-presidente, apesar da assimetria e do fato de que os que escrevem estão conscientes de que não será possível responder a todas as cartas, se percebe a expectativa de resposta quando muitos missivistas mandam selos para facilitar o envio da carta. A prisão reduz a assimetria com os cidadãos e os aproxima, diluindo a distância social e possibilitando uma relação de reciprocidade que o gênero epistolar alimenta. Essa reciprocidade é fundamental para que se estabeleça uma relação de correspondência.

Escrever cartas juntos: oficina coletiva em Barcelona e escrita em praça pública no Rio de Janeiro

Escrever é um ato individual, mas se torna coletivo com as campanhas. Em seguida apresentamos duas experiências etnográficas realizadas em Barcelona e no Rio de Janeiro. A primeira foi a participação das duas pesquisadoras em uma oficina de escritura de cartas para os dois Jordis, realizada em uma livraria no bairro de Gràcia, em Barcelona, em junho de 2018. A outra, foi a participação de somente uma das autoras, em

⁶ Depoimento concedido por Susana Barreda às autoras, em 2018.

um evento no Rio de Janeiro de promoção e estímulo à escrita de cartões de Natal para Lula, em dezembro de 2018. Essa vivência de escritura coletiva de cartas chama atenção por mostrar a passagem da escrita como um gesto individual e íntimo para uma atividade coletiva e compartilhada. A importância das ações nas duas cidades diz respeito à necessidade de estarem juntos, do exercício de escrita ser compartilhado e de ter a companhia e o apoio de outros missivistas. Nos dois eventos pudemos ver as pessoas comentando sobre o que iriam escrever, trocando ideias, dissipando dúvidas, tanto sobre a forma do texto quanto sobre seu conteúdo.

Outro aspecto muito importante foi a solidariedade diante do medo de se expor em público se posicionando politicamente. Os atos de escrita pública são não apenas atos de apoio visível e declarado aos três políticos presos trazendo sua presença para as ruas, mas uma forma de vencer o medo e de se ter a sensação de não estar sozinho.

Librería Ona, Barcelona

A Livraria *Ona* fica no bairro de Gràcia e é uma entidade privada que se juntou aos movimentos de escritura de cartas coletivas promovidos por entidades ligadas aos ativistas Jordi Cuixart (Omnium) e Jordi Sánchez (ANC).

Fomos à quinta sessão de escrita coletiva realizada em junho. Entrevistamos a proprietária da livraria, a monitora das cartas e várias pessoas que participaram da oficina naquele dia. A proposta era repartir as cartas para que todos os presos e presas recebessem a mesma quantidade de cartas, não somente os dois Jordis, incluindo assim os outros representantes do Governo da Catalunha que também estavam presos. Naquele dia a maioria era de mulheres, entre 30 e 90 anos e as mais velhas estavam acompanhadas de suas filhas. Havia alguns homens mais idosos também (três em torno dos 50 anos e um jovem de uns 30 anos). Passaram pela livraria entre 17 horas e 20 horas umas 20 ou 30 pessoas nesse dia. Lá nos orientaram a escrever somente na metade

da folha para que os presos pudessem aproveitar o papel que é escasso na prisão. Também ofereceram fotos e cartões postais para que as cartas fossem mais alegres. Duas senhoras mais velhas queriam expressar sua gratidão aos presos e animá-los nos momentos de solidão. Um rapaz mais jovem que estava lá disse que escrevia como forma de protestar contra o Governo espanhol e a Justiça espanhola que tinha prendido os ativistas. O auge foi às 20 horas quando entrou na livraria Txell Bonet, mulher de Jordi Cuixart, com seu filho de 11 meses dizendo que estava falando com Cuixart no telefone e se queríamos saudá-lo. Sua esposa direcionou o telefone aos presentes para que Jordi ouvisse e todos o saudamos.

Montse Úbeda, a proprietária da livraria, contou que havia decidido abrir uma livraria só de obras em catalão. Quando percebeu que as pessoas que escreviam cartas para os Jordis tinham medo de colocar o remetente, resolveu organizar uma oficina de escritura de cartas. "Começamos com pouca gente e agora somos uns 20 ou 30. No início fazíamos cartas coletivas, agora cada um escreve a sua" (Montse Úbeda, informação verbal).⁷ Ela comenta que os "Jordis" são boas pessoas e queria mandar para eles notícias, emoções, vida cotidiana. A seu ver, os remetentes são "sua janela para o mundo e sua voz" (Montse Úbeda, informação verbal).⁸

Largo do Machado no Natal

A segunda experiência etnográfica foi observar, acompanhar e participar da escrita de cartões de Natal para Lula, na praça do Largo do Machado, bairro de Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, em uma manhã de sábado de dezembro de 2018.

Apenas a pesquisadora brasileira participou dessa atividade que ocupou boa parte da praça com cartazes, bandeiras e mesinhas com cadeiras, cartões de Natal e canetas para quem quisesse escrever. No começo da manhã não havia muita gente – umas 20 pessoas –, mas perto do meio-dia aumentou o número de pessoas, com presença majoritária de mulheres e chegou a reunir entre 80

⁷ Depoimento concedido às autoras pela proprietária da livraria, em Barcelona, Espanha, em junho de 2018.

⁸ Depoimento concedido às autoras pela proprietária da livraria, em Barcelona, Espanha, em junho de 2018.

e 100 pessoas por volta de 12 horas e 30 minutos. A organizadora do evento, uma jornalista brasileira que pediu para não ser identificada, preparou comidas e bebidas para quem participasse. Havia sucos de fruta, café, pães, biscoito, bolos e flores enfeitando as mesas, além de cartazes com a imagem de Lula. O clima era de confraternização ainda que volta e meia algum passante gritasse “Lula ladrão” ou criticasse o evento.

A faixa etária dos participantes variava de jovens com 20 anos – minoria – a mulheres na faixa de 40 a 50 anos. Eles comentavam sobre a importância do evento, por marcar presença na praça e na cidade sem deixar arrefecer a luta pela liberdade de Lula. Muitos expressavam sua tristeza ao pensar que o ex-presidente passaria o Natal sozinho na prisão.

Para a organizadora do “Natal para Lula”, que pediu para não ser identificada, a ideia do encontro foi:

amolecer o coração das pessoas por que ele está muito envelhecido. Eu queria fazer alguma coisa para Lula, para trazer o tema dele para as ruas, para ter a oportunidade de conversar com as pessoas. Por isso o lanche comunitário é mais do que uma celebração. É uma oportunidade de conversar com as pessoas (Anônima, informação verbal).⁹

A depoente anônima enfatizou que o objetivo principal do evento e de divulgá-lo na imprensa não era o de Lula ler os cartões na prisão, mas sim que ele lesse no dia 24 de dezembro na sua casa com a família, esperando que o julgamento do ex-presidente fosse anulado e ele libertado. Mas isso não aconteceu. Lula até a data de escritura deste artigo continuava preso.

Compartilhando as cartas nas redes sociais

Ao longo de quase um ano de prisão o ex-presidente Lula usou o recurso de escrever cartas dirigidas ao povo brasileiro para serem publicadas nos sites, postadas no Facebook, WhatsApp, Instagram e *retweeadas* para atingir o maior número de pessoas. Como mostramos aqui, seus remetentes faziam o mesmo.

Nossa etnografia digital, que consistiu em seguir as histórias de envio e de recebimento de cartas desde o início das duas campanhas, nos permitiu entender o processo de circulação que tornou uma carta pessoal, resultado de um gesto individual e íntimo em algo público. As redes sociais possibilitaram a veiculação das cartas compartilhando a intimidade de seu remetente e a privacidade da sua escrita. Como salientamos no início deste artigo – uma carta é uma conversa entre dois indivíduos – nesse processo em que acompanhamos e descrevemos seu percurso, ela ganha outro significado. A carta se torna uma declaração de resistência política por parte de seus remetentes. Seus textos levam esperança ao destinatário, carinho e força para seguir em suas lutas e reivindicações, a começar pela saída do cárcere. Ficou claro, também, que a carta “corporaliza” o ausente. Cada carta difundida nas redes sociais traz a imagem do preso ausente e personifica o destinatário.

A carta compartilhada nas redes funciona como agente que “traz a presença” do ausente em virtude da sua materialidade. Não só a materialidade da carta: o papel, a tinta, o envelope, mas também a materialidade do processo de viagem até chegar ao seu destinatário que a recebe, olha, toca, abre e compartilha nas redes (ARDÈVOL; TRAVANCAS, 2019). A forma de compartilhar a carta enviada ou recebida demonstra a importância que as pessoas dão ao fato e à singularidade de escrever uma carta. Todo o processo de escritura, inclusive a intenção de realizá-la, é compartilhado nas redes. Nós encontramos *posts* no Facebook e no WhatsApp sobre a campanha para escrever cartas para o Lula, assim como mensagens de pessoas contando que iriam escrever ou já tinha escrito e mostravam a foto de sua carta. Em sua maioria eram cartas “manuscritas”, com a letra do remetente – sua marca autoral. Também as cartas recebidas, seu envelope e o adesivo do Instituto Lula como remetente são compartilhadas com alegria nas redes sociais. As cartas ganharam, assim, maior alcance graças às redes sociais que as disseminavam com frequência.

⁹ Depoimento de Anônima, concedido à autora Isabel Siqueira Travancas, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em dez. 2018.

No caso catalão, nós encontramos *tweets* que fazem referência a essa intenção: “hoje vou escrever para os Jordis”. A carta “manuscrita” – esta é a carta que meu avô escreveu” –; o envelope com o endereço “e eu fiz isso, isso vale para os Jordis”; compartilhando inclusive a imagem da carta sendo colocada na caixa do correio; até o envelope da carta recebida, seu conteúdo ou a carta devolvida. As imagens que acompanham esses *tweets* cumprem a função de testemunho material de que a carta foi enviada, recebida, lida e no texto que as acompanha, aparece o tom emocional com o qual enviam e recebem. Ela é a prova de uma conexão pessoal, íntima e emocional com eles.

Como vemos, a carta enviada é tão importante quanto a carta recebida. A alegria de receber uma carta do próprio Lula ou do Instituto, no Brasil, ou dos próprios Jordis, na Catalunha, significa o reconhecimento público de que se estabeleceu uma correspondência. De fato, à medida que a campanha avança, tanto Lula como os Jordis expressam através dos meios de comunicação o seu agradecimento pelas cartas recebidas. No caso da Catalunha, os Jordis se expressam através das redes sociais e se dirigem aos seus remetentes tanto de forma individual como coletiva. Por exemplo, Jordi Cuixart, escreve um *tweet*: “Faz oito meses que suas cartas são uma janela para o mundo. Sigamos abrindo-as de par em par. Obrigada por compartilhar tanta sinceridade e ternura”.¹⁰

O mesmo acontece no Brasil. Lula escreve cartas de próprio punho ao “Povo brasileiro”, que circulam imediatamente nas redes sociais como a que escreveu no dia 30 de setembro de 2019, na qual dizia que não trocava sua dignidade pela sua liberdade. Ele afirma que quer sair da prisão quando seu processo for revisto e confirmada a arbitrariedade de seu julgamento. Vale enfatizar que, ao longo de quase dois anos de prisão, o ex-presidente tem se comunicado com frequência através de cartas de próprio punho que, em seguida, são difundidas pelas redes sociais, WhatsApp e Facebook.

A circulação das cartas nas redes se intensifica de forma bidirecional, sendo cada vez mais presente nas redes as que as pessoas escrevem, seja de forma individual ou coletiva. As cartas que Lula ou os Jordis escrevem da prisão são uma forma de correspondência e fecham, assim, o círculo entre a prisão e a rua. Uma forma de se fazerem presentes na vida pública e em cada casa que recebe uma resposta.

Considerações finais

Neste projeto juntamos ao trabalho de campo face a face o acompanhamento de atividades nas redes sociais o que, de acordo com a perspectiva de John Postill e Sarah Pink (2012, p. 124) significa seguir etnograficamente as descontinuidades entre as experiências vividas pessoalmente e as atividades e as sociabilidades nas redes dos movimentos ativistas que estamos estudando. Isso supôs abrir a etnografia às redes sociais já que para o antropólogo a expansão da *web 2.0* e o rápido crescimento dos aplicativos, plataformas e redes sociais levou à criação de novos lugares para o trabalho de campo, desenvolvendo novos tipos de práticas etnográficas e novas perspectivas teóricas para além da dicotomia on-line/ off-line e assim repensando o próprio trabalho de campo.

Vimos que, apesar das enormes diferenças sociais e políticas entre a Catalunha e o Brasil – são dois universos muito distintos – um país da América do Sul e uma região da Europa –, com contextos e processos históricos diversos, no ano de 2018 viveram, com a prisão de seus líderes políticos – Lula e os dois “Jordis” – experiências muito similares.

Essas prisões de líderes políticos e ativistas sociais geraram movimentos políticos e sociais com diversas formas de expressão. Manifestações nas ruas, debate político, atuação cidadã e ativismo político presencial e através das redes sociais, o chamado ativismo digital (KEEN, 2012; CASTELLS, 2013). Trata-se de um movimento que não se esgota ou mesmo não se expande para as ruas, ao contrário, se inicia nas redes sociais e, em alguns casos, se restringe a elas.

¹⁰ Twitter de Jordi Cuixart: @cuixart; Twitter de Jordi Sanchez: @jordialapreso (jordienlacarcel).

Além disso, as práticas ativistas estudadas se deslocaram tanto para os espaços públicos digitais como físicos, em forma de continuidade e retroalimentação. É importante destacar, também, que as cartas da prisão circularam digitalizadas, sendo essa combinação um dos aspectos-chave desta pesquisa.

De um lado, vimos que esta correspondência compartilhada através das redes gera complicações e rompe com a assimetria, que antes assinalamos, gerando fluxos de afeto entre os políticos e os ativistas e seus seguidores. Por outro lado, mostramos como a circulação das cartas nas redes sociais possibilita que os presos se façam presentes na vida pública, recuperem sua voz e mantenham sua atividade política. A copresença se articula tanto na imaginação de quem escreve e recebe a carta, em um ato íntimo; como em um gesto público na forma coletiva de escritura de cartas nas oficinas. E, ainda, também através das redes sociais, em função da materialidade da carta e de essa ser manuscrita. Assim, ela funciona como um indicador da pessoa ausente através do conteúdo das cartas que devolve a voz aos ausentes.

Referências

ARDÈVOL, Elisenda; GÓMEZ-CRUZ, Edgar. Digital ethnography and media practices. In: DARLING-WOLF, Fabienne (ed.). **The International Encyclopedia of Media Studies: Research methods in media studies**. Hoboken: Wiley-Blackwell. 2013. v. 7, p. 498-518.

ARDÈVOL, Elisenda; TRAVANCAS, Isabel. Cartas para la libertad: afectos y acción política en tiempos digitales. **Quaderns-e**. Barcelona, v. 23, n. 2, p. 99-113, 2018.

ARDÈVOL, Elisenda; TRAVANCAS, Isabel. Materialidad digital y acción política: Las cartas a los presos políticos y su circulación en las redes sociales en Brasil y Catalunya. **Etnografías Contemporáneas**, 2019.

BEAULIEU, Anne. From co-location to co-presence: Shifts in the use of ethnography for the study of knowledge. **Social Studies of Science**. Londres, v. 40, n. 3, p. 1-18, 2010.

BETTO, Frei. **Cartas da prisão**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BEZERRA, Mirthyani. PT faz campanha para que Lula receba cartas na PF, mas nem tudo pode ser entregue. **UOL**. São Paulo, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/17/pt-faz-campanha-para-que-lula-receba-cartas-na-pf-mas-nem-tudo-pode-ser-entregue.htm>. Acesso em: 13 out. 2019.

CARTAS do povo brasileiro ao presidente Lula. **PT**. São Paulo, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.pt.org.br/cartas-do-povo-brasileiro-ao-presidente-lula>. Acesso em: 13 out. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido – Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Tradução de Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COELHO, Maria Claudia Pereira. **A experiência da fama**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

COSTA, Diane. Preso político da ditadura fala sobre Central de Cartas a Lula. **PT**. São Paulo, 20 abr. 2018. Disponível em: <https://pt.org.br/preso-politico-da-ditadura-fala-sobre-central-de-cartas-a-lula>. Acesso em: 5 out. 2019.

DI PROSPERO, Carolina. Antropología de lo digital: Construcción del campo etnográfico en co-presencia. **Virtualis**. Zapopan, v. 8, n. 15, p. 44-60, jan./jun. 2017.

GARCIA-HERNANDORENA, Pepa. Els emigrants valencians als Estats Units d'Amèrica. Una aproximació des dels documents personals. **Revista Valenciana d'Etnologia**, Valencia, n. 9, p. 115-125, 2017.

GERBER, David. A. **Authors of Their Lives: The Personal Correspondence of British Immigrants to North America in the Nineteenth Century**. Nova Iorque: New York University Press, 2008.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUILLARD, Amandine Marie. Las cartas de la cárcel: una forma alternativa de testimoniar durante y después de la última dictadura argentina. **Orbis Tertius, Hispanística XX**. La Plata, v. 34, p. 63-78, dez. 2017.

HEYMANN, Luciana Quillet. Quem não tem padrinho morre pagão: fragmentos de um discurso sobre poder. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 325-350, 1999.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital: Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando?** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KOHLRAUSCH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, de escrita de si.... **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, jan./jun. 2015.

LUNA VILLALTA, Alfonso M; LÓPEZ GARCÍA, Julián. Cartas y cuentos desde las cárceles de Franco. **Vínculos de Historia**, Castilla de la Mancha, n. 4, p. 147-173, 2015.

MANDELA, Nelson; VENTER, Sahn; DLAMINI-MANDELA, Zamaswazi. **Cartas da prisão de Nelson Mandela**. São Paulo: Todavia, 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. Paris: Quadrige PUF, 1985.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A (ed.). **Digital Anthropology**. Oxford: Bergan Publishers, 2012.

PINK, Sara; ARDÉVOL, Elisenda; LANZENI, Dèbora. **Digital Materialities: Design and Anthropology**. London: Bloomsbury Academic, 2016.

POSTILL, John; PINK, Sarah. Social media ethnography: The digital researcher in a messy web. **Media International Australia**, [S. l.], v. 145, p. 123-134, nov. 2012.

ROVIRA, Guiomar. **Activismo en red y multitudes conectadas: Comunicación y acción en la era de Internet**. Barcelona: Icaria Antrazyt/ Universidad Autónoma Metropolitana, 2017.

TIN, Emerson. Cartas e literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. In: SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP, 4., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNIP, 20 set. 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

Isabel Siqueira Travancas

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professora associada do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Elisenda Ardévol Piera

Doutora em Antropologia pela Universidad Autónoma de Barcelona. Professora Catedrática em Estudos de Artes e Humanidades da Universitat Oberta de Catalunya (UOC), Barcelona, Espanha.

Endereço para correspondência

Isabel Siqueira Travancas
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Comunicação
Av. Pasteur, 250
Praia Vermelha, 2229-0240
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Elisenda Ardévol
Estudis d'Arts i Humanitats
Universitat Oberta de Catalunya
Avda. Tibidabo 39-43
08035
Barcelona, Espanha

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.